<i>OS CONTADORES DE HISTÓRIAS</i>	FACHA
Prof. Pery Cotta	Comunicação Social
Botafogo e Méier	Julho/2017

1. Tema

Menos pela arte e mais por mero instinto de sobrevivência, o homem primitivo traçou, na parede da caverna escura, a maneira da caçada ao animal para garantir alimento ao seu grupo nômade, ao retornar ao local. Em várias épocas, por sua vez, inúmeros seres iluminados valeram-se da razão lógica para demonstrar conhecimentos científicos e saberes culturais, na rota do progresso humano. E hoje, rápida e avidamente, cada pessoa navega na internet e usa redes sociais, para ter reconhecimento pelo que faz e o que pensa.

O que há em comum, neste impulso comunicativo de todos e de cada um?

É sempre o mesmo homem interessado em contar uma história e, ao mesmo tempo, assim, ir construindo o relato global da História da Civilização. Afinal, na sociedade humana, somos os permanentes agentes das mudanças e transformações, estimuladas pela sistemática revelação de nossos sonhos e realizações.

O tema aqui escolhido – *Os contadores de história* – está na linha de pesquisa em Comunicação, Memória e Sociedade, de Teoria e Fundamentos, da FACHA. Trata-se de estudar e analisar técnicas e iniciativas individuais ou coletivas de transmissão de informações fundamentais e de alto interesse público. Através dos séculos, construíram-se e divulgaram-se renovados conhecimentos por textos, áudios e imagens, formando e consolidando imenso acervo de dados e, mais do que isto, de memórias importantes para expansão e perpetuação de variados avanços culturais.

Como se procurará aqui demonstrar, hoje e sempre todos podem ser, como bons contadores de histórias, e em benefício do interesse público, instrumentos da construção comunicativa coletiva, mesmo às vezes sem ter percebido o alcance e a grandeza da produção intelectual ou meramente testemunhal.

Este projeto de pesquisa certamente poderá desvendar ações e iniciativas que, sob um novo modo de olhar, farão melhor entender ações e criações de jornalistas, publicitários, fotógrafos, cinegrafistas, escritores, músicos, homens de ciência e artistas de diversas áreas. E também explicar a contribuição aparentemente isolada de cada indivíduo na sociedade, neste que é o Século ou o Milênio da Comunicação, de uma civilização humana produto no momento de poderosas tecnologias, principalmente da Informática e Telecomunicações.

2. Delimitação do Tema

O leque de possibilidades é enorme, nesta proposta de pesquisas, mas o foco individual do aluno decorrerá da curiosidade específica sobre determinada área de interesse, dentro da temática geral apresentada pelo professor.

Reafirma-se, por isto, que “a principal meta é que os alunos possam ter subsídios para articular seu objeto de estudo”.

O Programa de Iniciação Científica da FACHA objetiva claramente “despertar vocações e incentivar talentos para a pesquisa e pensamento científico-tecnológico” e, assim, fazer “uma ponte entre o estudante e o domínio do método científico”.

Ou seja, há o tema geral proposto, mas é igualmente preponderante o interesse específico do aluno por certo assunto ou foco dentro da linha de pesquisas.

Nessa convergência de esforços estará a delimitação e desenvolvimento de cada tema específico escolhido.

Estarão mais adiante elencadas, em *Objetivos* e em *Justificativas*, ideias e possibilidades. São sugestões iniciais e preliminares, desenhadas a partir do tema geral.

3. Problema

A questão principal, portanto, é responder ao desafio de demonstrar que não são apenas os historiadores que contam a História da Civilização. Ao contrário, utilizando-se técnicas e os recursos das Habilitações, na área de Comunicação Social, pode-se ampliar consideravelmente o leque de alternativas para histórias a serem contadas

Os próprios historiadores afirmam que o estudo de História já mudou no seu objetivo de fazer narrativa. Não é mais apenas depoimentos e a vontade dos poderosos e vencedores, reis e imperadores.

A nova questão primordial está em saber como viviam os povos e sobreviviam os indivíduos e suas culturas, a cada época. Interessam não mais, simplesmente, as múmias dos faraós, mas os esqueletos e restos de escravos, os fósseis de animais e plantas para a visão mais completa de determinado momento histórico. Isto é, o que o povo comia, como vivia, que tipo de estágio civilizatório foi alcançado.

Ou seja, não bastam restos e vestígios. Surgem significativos depoimentos vivos ou memorizados e poderosos olhares sobre o que ocorreu ou está ocorrendo. Existem informações que estavam estáticas, armazenadas, e agora emergem soberanos.

Há, como decorrência, roteiros novos a seguir e cenários ainda não levados em conta. Neste sentido, a Comunicação Social é de preferência a área do conhecimento humano para melhor entender fatos passados, atuais ou futuros. E múltiplos outros focos aparecem, para levantar questões sobre memórias aparentemente ocultas.

4. Objetivos

Assim, pesquisas podem ser estruturadas e desenvolvidas para:

4.1. Demonstrar que a história humana pode ser contada através dos textos, não apenas dos historiadores e dos jornalistas, mas de todo e qualquer ser humano que se dispôs ou disponha a escrever o relato de experiências pessoais e profissionais, como já fazem os internautas de diversas tendências e formações, na web;

4.2. Visualizar nitidamente que não apenas pelos textos, mas também pelo acervo e conjunto de imagens, a história humana pode ser narrada e descrita;

4.3. Identificar e relatar visões transformadoras, em depoimentos e raciocínios lógicos, tanto de pensadores e cientistas, como de desbravadores e até aventureiros. Ou, ainda, através da criatividade de artistas (pintores e escultores), músicos de diversas épocas e profissionais de variadas atividades, todos contadores de histórias que ajudam a entender a vida e os seres humanos. Cada tarefa neste sentido demanda, para ter objetividade e despertar interesse, a utilização adequada de recursos e técnicas desenvolvidas pelos comunicadores sociais com sólida formação acadêmica em suas específicas habilitações. Nesta área do conhecimento, sabe-se o valor das pesquisas de textos, áudios e imagens, para permitir que, em seguida, seja o resultado do estudo agrupado e com roteirização capaz de estruturar histórias que até já foram contadas por vários autores, mas ainda sem o conjunto de uma convergente visão social.

E é exatamente a isto que se voltam os objetivos aqui citados, pelas razões e justificativas a seguir.

5. Justificativas

Na verdade, tudo tem uma história e tudo, por sua vez, ajuda a contar histórias.

Alguns rápidos exemplos agora podem ser dados, com foco direcionado a certa atividade humana e/ou área de conhecimento, que justifica a razão das pesquisas propostas para estudo e análise científica.

5.1. Suponha-se que se queria conhecer e demonstrar usos e costumes da sociedade brasileira da metade do século passado para cá ou na década de 50.

É fácil essa leitura pela seleção e reprodução de anúncios publicitários. Neles é possível constatar os anseios de consumo da época, sejam no vestuário, móveis, imóveis, automóveis. A Publicidade sempre escancara as preferências e identifica o poder aquisitivo de cada época;

5.2. Imagine-se agora, por exemplo, como viviam as pessoas, como eram as ruas e avenidas, que tipo de cidade era o Rio de Janeiro em certas épocas. As imagens contam as histórias, bem como os textos de escritores e os relatos de jornalistas. Mas também servem para isto os depoimentos de cientistas sobre doenças e epidemias ou dos engenheiros sobre avenidas e túneis em bairros criados, modificados ou ampliados;

A vida no Rio de Janeiro foi reproduzida pelo olhar e o registro dos desenhos de Debret ou as fotos de Malta. Ou, ainda, da percepção social de jornalistas e escritores como João do Rio ou, ainda, de pesquisadores como Brasil Gerson.

Aluísio de Azevedo trouxe detalhada descrição do amanhecer em um cortiço de Botafogo. Machado de Assis, Lima Barreto, Nelson Rodrigues, Rubem Braga, Sérgio Porto, Veríssimo, Zuenir Ventura, Ruy de Castro, Carlos Drummond de Andrade e tantos outros, recontam as histórias da cidade em crônicas, diárias ou semanais, em jornais e revistas;

5.3. O Rio de Janeiro é rico em sonoridade musical, desde autores mais clássicos como os bem populares, que criaram escolas de música e dança, ao desenvolverem melodias e contarem histórias que ganharam o mundo pela harmonia e melodia dos sons e uma abrangente capacidade de despertar emoções e/ou de provocar incontáveis movimentos rítmicos de corpo.

Basta pesquisar na letra e música de Ernesto Nazareth, Pixinguinha, Donga, Cartola, Noel Rosa, Ataulfo Alves, Ismael Silva, Tom Jobim, Chico Buarque, Paulinho da Viola, Raul Seixas, Zeca Pagodinho e tantos outros, inclusive as compositoras e intérpretes mulheres, nem sempre citadas e valorizadas.

A cidade do Rio de Janeiro, a propósito, além de musical é essencialmente feminina. Nelas (cidade e mulheres) se inspiraram tantos escritores, cronistas e músicos. E elas, as mulheres, soltaram a voz, para contar seus próprios sentimentos e vivências;

5.4. Se a pesquisa voltar-se para povos e nações, não faltam poetas e escritores de diversas línguas e tempos, com principal objetivo comum de contar a história de sua gente, como fizeram Homero, Colombo, Camões, Dante, Shakespeare e Victor Hugo.

8. Referências bibliográficas

BROWN, Dee. *Enterrem meu coração na curva do rio – índios contam o massacre de sua gente*. Tradução de Geraldo Galvão Ferraz. 13ª. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1970. 292 p.

Este livro pode servir de modelo para uma pesquisa que acrescente, agora, o que sempre ocorreu com as tribos indígenas brasileiras e, em especial, o destino hoje do Parque Xingu.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar Editora, 1973. 358 p.

A obra de Camões pode juntar-se às do grego Homero, do inglês Shakespeare, do italiano Dante e do francês Victor Hugo pela forma épica com que contam histórias de seus povos.

CASTRO, Ruy. *A noite do meu bem – a história e as histórias do samba-canção*. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 510 p.

Não faltam personagens e canções para essas histórias do samba-canção, vivenciadas nas boates cariocas dos anos 1940, 50 e 60. (O escritor, que começou como repórter aos 19 anos, em 1967, no “Correio da Manhã”, é também o autor de Chega de Saudade, sobre a Bossa Nova, além de biografias de Nelson Rodrigues, Garrincha e Carmem Miranda).

COLOMBO, Cristóvão. *Diários da Descoberta da América – as quatro viagens e o testamento*. Tradução de Milton Persson. Porto Alegre: L&PM, 1998. 194 p.

O depoimento franco de Colombo é revelador da ambição e maneira violenta e cruel com que seus conterrâneos trataram os habitantes locais. Pode ser somado a relatos sobre o que aconteceu no Brasil e outros países, não apenas com referência à História como ao destino das populações indígenas.

GERSON, Brasil. *História das Ruas do Rio (e da sua liderança na história política do Brasil)*. Introdução e notas de Alexei Bueno. 5ª. Ed.. Rio de Janeiro: Lacerda& Editores, 2000. 513 p.

Monumental pesquisa do autor que complementa e ajuda a entender a história do Rio e as obras de todos os grandes jornalistas e escritores que aqui viveram.

GONÇALVES DIAS, I-Juca-Pirama; Os Timbiras; Outros Poemas (inclusive a Canção do Exílio). São Paulo: Editora Martin Claret, 2002. 168 p.

A poesia de Gonçalves Dias pode ser pesquisada juntando-se à também significativa obra indígena de José de Alencar.

JOÃO DO RIO (Paulo Barreto). *A alma encantadora das ruas*. Belo Horizonte: Crisálida, Livraria e Editora, 2007. 219 p.

Cronista carioca que, na opinião de muitos jornalistas, é o primeiro grande repórter da imprensa, pioneiro na reportagem de cidade e que antecedeu em algumas décadas o New Journalism da imprensa norte-americana, fato pouco valorizado.

LIMA BARRETO. Novas seletas. Organização, apresentação e notas de Isabel Travancas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004. 185 p.

Esta coletânea permite conhecer-se melhor o jornalista, cronista e contador de histórias, denso e genial escritor da literatura brasileira.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Contos. Seleção de Deomira Stefani. 7ª. Ed. São Paulo: Ática, 1979. 85 p.

Coletânea que inclui famosas histórias, entre elas Missa do Galo e A Cartomante.

MENNA BARRETO, Roberto. O Copy criativo – 177 magníficos textos de propaganda (para ver se você finalmente aprende a redigir um). Rio de Janeiro: Qualitymark Editora, 2004. 236 p.

Coletânea organizada por este professor de Comunicação e famoso redator publicitário, autor do clássico Criatividade em Propaganda. Na coletânea, traduz e reúne famosos anúncios da propaganda mundial.

PORTO, Sérgio. As cariocas. 2ª. Ed. São Paulo: Círculo do Livro, por cortesia da Editora Civilização Brasileira, 1975. 219 p.

Escritor carioca, mais conhecido como Stanislaw Ponte Preta, contador de histórias com muito humor como A grã-fina de Copacabana, A donzela da televisão e A desinibida do Grajaú. É ele ainda o criador do Febeapá (Festival de besteira que assola o pai), que rendeu dois livros e deixou saudades, pela morte do autor em 1968, quando muita contribuição poderia dar, inclusive nos dias de hoje.

VICTOR HUGO. Funerais de Napoleão, in Obras Completas, volume XXI. Tradução de Hilário Correia. São Paulo: Editora das Américas, 1958. 451 p.

Este capítulo faz parte da obra Coisas que eu vi, com histórias contadas pelo escritor francês e que são datadas de 1838 a 1847. Funerais de Napoleão é referente a 1840. Impressiona pela qualidade da narrativa, equivalente ao texto de qualquer grande jornalista de décadas muito posteriores aos escritos de Victor Hugo. Poucas reportagens têm a exatidão e os detalhes do fato narrado por este comunicador.

9. Resumo do projeto para internet (258 palavras)

Desde os homens da caverna até os atuais participantes de redes sociais, a comunicação se faz contando a história de uma personalidade e a da Humanidade como um todo, usando variadas formas de comunicação e expressivas manifestações culturais. Este projeto acadêmico da FACHA mostra que não apenas os historiadores são os responsáveis em registrar a História da Civilização. Utilizando-se as técnicas e os recursos das Habilitações, na área de Comunicação, podem ser ampliadas as alternativas para memorizar histórias já contadas e destacar o papel social de seus autores.

O tema aqui escolhido para estudo – *Os contadores de história* – está na linha de pesquisa em Comunicação, Memória e Sociedade, de Teoria e Fundamentos. Através dos séculos, construíram-se e divulgaram-se fatos por meio de textos, áudios e imagens, formando e consolidando imenso e rico acervo de dados e memórias importantes para expansão e perpetuação das mais variadas culturas. Trata-se, agora, de reunir iniciativas individuais ou coletivas de transmissão das informações de interesse público.

Este projeto de pesquisa certamente vai desvendar ações e iniciativas que, sob novo olhar, podem ser mais profundamente analisadas e, assim, melhor agrupadas as produções profissionais de jornalistas, publicitários, fotógrafos, cinegrafistas, escritores, músicos, homens de ciência e artistas de diversas áreas.

Neste que é o Século da Comunicação, da civilização humana produto de avanços de poderosas tecnologias, principalmente em Informática e Telecomunicações, pode-se mostrar também a criativa contribuição aparentemente isolada de cada indivíduo na sociedade.

Porque, hoje e sempre, todos podem ser contadores de histórias, artífices e agentes da construção comunicativa coletiva, em benefício do interesse público.